

# CAMINHO QUE TENHA CORAÇÃO – A POTÊNCIA DO ENCONTRO NA ATUAÇÃO DO NÚCLEO DE APOIO À SAÚDE DA FAMÍLIA

POR HEVELYN ROSA MACHERT DA CONCEIÇÃO\*

O ensaio apresentado a seguir é fruto de uma reflexão acerca do papel do profissional do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) em relação às equipes de Saúde da Família e aos usuários a ele vinculados, especialmente no que concerne à produção do trabalho como apoiador. As questões que motivaram essa reflexão fazem parte de uma experiência de trabalho em uma equipe NASF na periferia da cidade do Rio de Janeiro, cujo cotidiano promoveu o tecimento de relações que problematizaram o lugar de saber do especialista, trazendo à tona a necessidade de favorecer a construção em conjunto das práticas em saúde.

## O ENCONTRO COM A ALTERIDADE

Junto de uma janela estava sentado um homem de cabelos brancos, olhos argutos e pele morena. De semblante misterioso e tranquilo, pouco falou ao estudante que lhe derramava tagarelices cheias de um nervoso apressado. Fora na fronteira, onde cada qual aguardava pelo ônibus que os levaria a seus destinos, que se encontraram pela primeira vez, um índio e um estudante de antropologia. No entanto, esse não fora o único encontro deles, nem tampouco a única fronteira que cruzaram. Dom Juan e Carlos Castañeda iniciaram nesse verão de 1960 a relação que transformaria os modos de pesquisar e de experimentar do antropólogo.

O saber pelo qual procurava Castañeda dizia respeito à manipulação de plantas medicinais pelos povos indígenas habitantes do sudoeste dos Estados Unidos da América naqueles anos. Empenhado em sua pesquisa, foi com o propósito de seduzir Dom Juan a embarcar nessa jornada que Castañeda descobriu onde o índio morava e passou a visitá-lo com frequência. No início, a disposição de Castañeda nos encontros com Dom Juan era, principalmente, a de observador antropológico. No entanto, frente a seu insucesso em convencer Dom Juan a expor-lhe seus conhecimentos, Castañeda deixou sua pesquisa científica um tanto adormecida e os dois acabaram por tornarem-se amigos. Sucedeu que, após um ano de encontros, Dom Juan escolheu Castañeda para ser seu aprendiz sob a condição de que este deveria se comprometer com o treinamento.

No desenrolar de seu longo e intenso processo como aprendiz, Castañeda percebeu que não se tratava somente de recolher informações de seu mestre, ou de encontrar respostas para sua inves-

tigação. Castañeda compreendeu que sua experiência era a de vivenciar de maneira pragmática e experimental o ensinamento de um modo de estar na vida. Essa experiência tão radical fez com que ele chegasse à conclusão de que os termos dos quais dispunha para explicá-la tornavam-se forçosamente insuficientes, uma vez que concerniam estritamente ao modo com que ele compreendia o mundo. De maneira a experimentar os conhecimentos de seu mestre foi preciso que Castañeda tomasse-os junto com a perspectiva que lhes era imanente. Portanto, a fim de seguir com sua aprendizagem, Castañeda passou a considerar os conhecimentos de Dom Juan sem submetê-los às regularidades operacionais de seu prévio sistema de categorias.

O aprendizado sobre as ervas requiritava o aprendizado sobre um outro modo de estar no mundo, sobre um outro modo de construir mundo. O que custa a Castañeda perceber é que as perguntas feitas a seu mestre não encontram respostas, pois não são pertinentes a Dom Juan, uma vez que o modo com o qual cada um deles compreende e experimenta o mundo é diferente. Não é o caso de pensar que eles discordavam em alguns pontos, nem que vislumbravam diferentes respostas às questões, tampouco o que se passava ali eram mal-entendidos. Ora, não era divergência de respostas, se tratava de divergência de problemas. A relação entre Dom Juan e Castañeda põe em xeque o entendimento de que os problemas com os quais lidam as sociedades são os mesmos, de forma que aquilo que acabaria por variar seriam os modos de enfrentá-los.

No processo de aprendizagem de Castañeda vemos emergir a questão de determinar os problemas que cada sociedade coloca para si e não, a partir dos mesmos problemas, buscar as diferentes respostas. Tanto pior para um antropólogo, ou qualquer outro pesquisador, que esperava experimentar substâncias alucinógenas e descrever tais vivências somente a partir dos instrumentos e mecanismos que já possuía. Lançar-se à experimentação dos alucinógenos foi para Castañeda lançar-se também à experimentação de outra forma de estar no mundo, de encontrar-se com a expressão de outro mundo possível. Nesse sentido, o encontro com o outro é o encontro com outrem enquanto a expressão de um mundo possível, “um possível que existe realmente, mas que não existe atualmente fora de sua expressão em outrem” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 118).

\* O relato dessa experiência encontra-se na obra “A erva-do-diabo” de Carlos Castañeda (1985).



DEFRONTAR-SE COM OUTROS MUNDOS POSSÍVEIS NO ENCONTRO COM OUTREM EXIGE QUE NÃO TOMEMOS O OUTRO COMO OBJETO SOBRE O QUAL NOS DEBRUÇAMOS EM UM MOVIMENTO NEUTRO E ASSÉPTICO.

Defrontar-se com outros mundos possíveis no encontro com outrem exige que não tomemos o outro como objeto sobre o qual nos debruçamos em um movimento neutro e asséptico. A pesquisa-experimentação de Castañeda acontece no encontro que se dá no entre, como um entre-mundos, não ora em um mundo, ora no outro, mas justamente no entre, na relação e enquanto relação. Se nossa aproximação de um usuário de serviços de saúde não implica em tratá-lo a partir de algo dado, onde bastaria recolher informações para confirmar os moldes sob os quais se efetua, torna-se necessário que os caminhos do cuidado sejam permeáveis às demandas surgidas na relação com os sujeitos nela implicados. Isso quer dizer que os caminhos do cuidado se configuram no próprio caminhar.

#### IMPLICAÇÕES PARA A ATUAÇÃO DO APOIADOR

A experimentação de Castañeda inspira nosso olhar para o trabalho em saúde, pois se trata de experimentar um caminho cuja formação se dá no próprio caminhar. Nesse caminhar é aguçada a sensibilidade para os encontros que expressam diferentes sentidos e mundos possíveis. É bem-vindo no caminhar aquilo que anima nossas passadas sem ter que, necessariamente, ser traduzido e interpretado através da grade de inteligibilidade da ciência hegemônica e dos protocolos enrijecidos. A pesquisa-experimentação de Castañeda convoca a sensibilidade do corpo do profissional de saúde para incrementar os encontros.

É com esse referencial que nos interessa pensar a prática do profissional do NASF junto às equipes vinculadas e aos usuários. Tendo em vista a função do NASF baseada fundamentalmente no apoio, queremos chamar a atenção para o papel do NASF como promotor de encontros, sendo por estes, ele próprio, produzido. Desde a implantação de uma equipe NASF, onde se analisa as singularidades do território a fim de eleger as categorias profissionais que comporão a equipe, já se acha colocada uma premência de considerar o outro para o agir profissional do apoiador.

No entanto, assim como a experiência de Castañeda, acreditamos que a potência do encontro com o outro não reside na possibilidade de subjugar o outro às prescrições e normativas dos protocolos dos serviços de saúde. A partir do relato oferecido pelo antropólogo compreendemos o encontro com o outro no sentido do encontro com a alteridade que pode, inclusive, desestabilizar nossas certezas

prévias em prol do surgimento de verdades provisórias construídas em conjunto. Portanto, estar no encontro com o outro, seja ele um profissional da equipe de Saúde da Família, seja ele um usuário do serviço, é colocar-se à disposição de construir em conjunto com esse outro o caminho a ser trilhado.

Uma vez que a diretriz do trabalho no NASF está implicada na aposta em consolidar a Saúde da Família como política reordenadora do modelo de atenção à saúde como um todo, não se trata de oferecer um serviço ambulatorial mascarado de apoio, no qual bastaria que o profissional especializado adentrasse a Unidade de Saúde da Família para aplicar sua especificidade técnica aos procedimentos ali realizados. De modo a operar para o fortalecimento da Saúde da Família, torna-se indispensável o investimento no vínculo das equipes SF com a população e seu território, sendo que nesse cenário o apoiador atua na direção de colaborar para a formação e a manutenção desse vínculo, situando-se, para isso, muitas vezes nos bastidores das ações da unidade.

O papel de facilitador de encontros desempenhado pelo profissional do NASF adquire a premissa, sendo assim, de colocar-se aberto ao encontro com o outro, uma vez que isso significa colocar seu saber também à disposição da relação. Trata-se de um movimento voltado a dispor seu saber a serviço do encontro de modo que o outro não se configure somente como um alvo de suas práticas, mas sim como um parceiro na construção de caminhos. E também como um parceiro na avaliação dos caminhos até então percorridos.

No dia a dia frequentemente sobrecarregado das equipes de Saúde da Família, o automatismo nos aparece como uma ameaça feroz, transportando a atenção com o cuidado para a administração das metas de produção e o atendimento de urgências sem a fundamental integralidade. Tal ameaça se vê fortalecida nesse momento com a aprovação da nova Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), cujo escopo é formulado a partir de diversos retrocessos em relação aos princípios e diretrizes do SUS e, em especial, da Saúde da Família. Também no que concerne ao papel do NASF, a nova PNAB arma um movimento danoso, visto que enfraquece a função de matriciamento e institucionaliza o papel ambulatorial.

Porém, a história da saúde no Brasil e a própria história do SUS não nos deixa esquecer que o território que elegemos para trabalhar e militar é um território constituído por disputas e embates. E,

“

NO DIA A DIA FREQUENTEMENTE SOBRECARRREGADO DAS EQUIPES DE SAÚDE DA FAMÍLIA, O AUTOMATISMO NOS APARECE COMO UMA AMEAÇA FERÓZ, TRANSPORTANDO A ATENÇÃO COM O CUIDADO PARA A ADMINISTRAÇÃO DAS METAS DE PRODUÇÃO E O ATENDIMENTO DE URGÊNCIAS SEM A FUNDAMENTAL INTEGRALIDADE.

seja na pesquisa, na assistência, na formação ou na política, insistimos nessa luta e fazemos dela nosso campo de atuação cotidiana afirmando a vida enquanto potência. Portanto, cabe refletir sobre os critérios que temos usado para escolher os caminhos na saúde, pois muitas vezes eles não dizem respeito ao fortalecimento da vida, pelo contrário. A preocupação que área da saúde tem devotado à noção de risco pode fazer com que nosso caminho se esvazie de coração, ao trabalhar para o enfraquecimento da potência de vida dos usuários e de nós, profissionais, enquanto trabalhadores criativos.

No inverno de 1963, ao ouvir Dom Juan contar sobre sua difícil incursão no uso da erva-do-diabo, Castañeda pergunta-lhe se haveria alguma forma de se evitar o sofrimento. Dom Juan diz-lhe que a forma seria questionar-se o “modo de agarrar as coisas” (CASTAÑEDA, 1985, p.114), pois não há uma só maneira de se relacionar com as coisas, de forma que as escolhas merecem a certa altura uma análise de suas implicações. O conselho de Dom Juan é para que Castañeda considere com rigor cada caminho e que os experimente a todos, se assim julgar necessário. Para adquirir a clareza de saber se deve permanecer ou não em um caminho, é preciso colocar-se a seguinte pergunta:

Esse caminho tem coração? Se tiver, o caminho é bom; se não tiver, não presta. Ambos os caminhos não conduzem a parte alguma; mas um tem coração e o outro não. Um torna a viagem alegre; enquanto você o seguir, será um com ele. O outro o fará maldizer sua vida. Um o torna forte; o outro o enfraquece (CASTAÑEDA, 1985, p.115).

A lição que Dom Juan só pôde compreender quando velho, pois, segundo ele, a ansiedade de sua juventude esvaziava o conselho de sentido, inspira-nos a pensar os caminhos de nossa atuação profissional. O modo com que nos aproximamos das questões dos processos de saúde e de doença constituem um entre infinitudes de caminhos. Caminhos que se interessam justamente pelo próprio caminhar e nos interessam pela possibilidade de acolher um coração. Caminhos que importam enquanto fortalecem e potencializam a vida.

#### BIBLIOGRAFIA

Castañeda, Carlos. A erva-do-diabo. São Paulo: Círculo do livro, 1985.

Viveiros de castro, Eduardo. O nativo relativo. Rev. Mana, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, abr. 2002.

\*Psicóloga, doutoranda em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Trabalhou de 2015 a 2017 em uma equipe do Núcleo de Apoio à Saúde da Família no município do Rio de Janeiro.

“

O MODO COM QUE NOS APROXIMAMOS DAS QUESTÕES DOS PROCESSOS DE SAÚDE E DE DOENÇA CONSTITUEM UM ENTRE INFINIDADES DE CAMINHOS. CAMINHOS QUE SE INTERESSAM JUSTAMENTE PELO PRÓPRIO CAMINHAR E NOS INTERESSAM PELA POSSIBILIDADE DE ACOLHER UM CORAÇÃO. CAMINHOS QUE IMPORTAM ENQUANTO FORTALECEM E POTENCIALIZAM A VIDA.